

## Reflexões sobre o dispositivo do cartel\*

*Luiz Alberto Tavares\*\**

Ao iniciarmos o trabalho do cartel *O Desejo e sua interpretação*, o grupo que se constituiu foi tomado por uma séria de indagações acerca do modo de constituição do cartel e o seu funcionamento. A partir das questões suscitadas junto a esses colegas, fui movido pelo desejo de verificar mais de perto o que levou Jacques Lacan a criar esse dispositivo. Pude então perceber que a proposição do cartel nos possibilita ter uma visada de Lacan em torno da formação do analista e da sua relação com a instituição psicanalítica. Sem evidentemente ter a pretensão de responder às inúmeras dificuldades ainda provocadas pelo tema, resolvi tomá-lo num percurso a partir de duas questões: Qual o lugar do cartel nas instituições psicanalíticas lacanianas? É desejável sustentá-lo como dispositivo de base da instituição?

Na Ata de Fundação da Escola Freudiana de Paris, Lacan (1964, p. 17-18) diz:

Aqueles que vierem a esta Escola se comprometerão a realizar uma tarefa submetida a um controle externo e interno: os que assim se comprometerem podem estar seguros de que nada será economizado para que tudo o que façam de valor tenha a difusão merecida, no local mais conveniente. Para execução desse trabalho adotaremos o princípio de uma elaboração, baseada num pequeno grupo; cada um deles - e temos um nome para designar esses grupos - será composto por três pessoas, no mínimo, e por cinco no máximo - quatro é a medida certa. Mais uma, encarregada da seleção, da discussão e do destino reservado ao trabalho de cada um. E segue: Após um certo tempo de funcionamento, se proporá aos elementos de um grupo sua permutação para outro. O cargo de direção não constituirá um caciquismo, cujo serviço prestado se capitalizaria pelo acesso a um grau superior, e ninguém deverá se sentir rebaixado por entrar no nível de um trabalho de base.

Pela razão de que todo empreendimento pessoal levará seu autor às condições de crítica e de controle, onde todo trabalho a ser desenvolvido será submetido à Escola. Isso não implica de forma alguma uma hierarquia de cabeça para baixo, mas uma organização circular cujo funcionamento, fácil de programar, se afirmará na experiência.

Nas *Jornadas de cartéis*, realizadas em abril de 1975, vários psicanalistas da Escola Freudiana de Paris se encontram em torno do tema do cartel e, é surpreendente verificar

---

\* Trabalho apresentado na XVII Jornada de Psicanálise do Espaço Möebius. Salvador, 2007.

\*\* Psiquiatra. Psicanalista . Membro do Espaço Möebius Psicanálise.

que, 11 anos depois de formulada a proposição, muitos não tinham feito essa experiência, persistindo muitas dúvidas em relação ao seu funcionamento, sobretudo no que se referia à função do que era denominado de “mais-um”. Nessas jornadas, ao ser provocado por Mustafá Safouan se todo mundo trabalha num cartel, Lacan (1975, p. 98) chega a comentar que ainda não existia “nenhuma verdadeira realização do cartel”.

No texto *D'écolage* (neologismo derivado de *école* – remetendo a descolagem ou decolagem), que versa em torno da dissolução da Escola, Lacan (1980a) faz novas indicações sobre o cartel. Assinalamos que, nesse momento, ele dissolveu a sua Escola, mas manteve esse dispositivo que havia criado, propondo inclusive uma fórmula aperfeiçoada do seu funcionamento. Diz:

Dirijo-me aos outros, que não têm que fazer esse trabalho por não haverem participado da minha Escola – sem que isso não se possa dizer que não tenham sido também intoxicados.

E continua:

Com eles, sem demora, dou partida à Causa freudiana – e restauro em seu favor o órgão de base retomado da Escola – ou seja, o cartel, do qual, feita a experiência aprimoro a formalização.

Primeiro: Quatro se escolhem para levar a cabo um trabalho que deve ter um produto. Preciso: um produto próprio de cada um e não coletivo.

Segundo: A conjunção dos quatro se faz ao redor de um Mais-um que, se é qualquer um deve ser alguém. Será encarregado de velar pelos efeitos internos do empreendimento e de provocar sua elaboração.

Terceiro: Para prevenir o efeito de cola (em francês poderíamos também ler d'école – jogando com cola/escola), deve-se realizar a permutação no prazo estabelecido de um ano, no máximo dois.

Quarto: Não se espera outro progresso senão o de uma periódica exposição dos resultados, assim como das crises do trabalho.

Quinto: O sorteio assegurará a renovação regular dos limites demarcados, com o fim de vetorizar o conjunto (LACAN, 1980a, p. 51).

Ainda, no contexto da dissolução da Escola e na partida da Causa Freudiana, Lacan (1980b, p. 54) escreve o texto *Senhor A.* em que, me parece, faz alusão à lógica do cartel. Ele diz:

É preciso que inove, disse – salvo que acrescentando: não sozinho. Vejo isto assim: que cada um ponha aí algo de seu. Vamos. Reúnam-se vários, grudem-se o tempo necessário para fazer alguma coisa, e depois, dissolvam-se para fazer outra coisa. Trata-se de que a Causa Freudiana escape do efeito de grupo que eu lhes denuncio. De onde se deduz que ela só durará pelo aspecto temporário – quero dizer; se se desligam antes de ficarem grudados irremediavelmente.

A ideia do cartel parece ter sido alicerçada por Lacan (2004) quando escreve o texto *A psiquiatria inglesa e a guerra*. Ele se mostra aí particularmente entusiasmado com a experiência de psiquiatras ingleses - discípulos de Melanie Klein, e dentre eles Bion - realizada com os soldados que, durante a guerra, se rebelaram contra as ordens estabelecidas no exército. Chamados a tratar desses soldados, esses psiquiatras adotaram como referência as elaborações freudianas sobre a psicanálise aplicada aos grupos. Entendiam que a dificuldade de pertencer ao exército se manifestava como efeito de uma falha na identificação com o Ideal e foi dessa forma que decidiram tratá-los. Passaram a reuni-los em pequenos grupos e a trabalhar com eles em torno de uma tarefa. A aposta de Bion era que surgisse o chamado “espírito de grupo”, fundado em uma experiência horizontal entre seus membros, promovendo um laço social pelo trabalho, com um objetivo comum, onde não haveria a função do líder. Lacan faz esse relato por conta de uma curta temporada de estudos na Inglaterra, ocasião em que manteve contato com os grupos “sem-líder” de Bion, chegando a considerar que seu trabalho marcaria época na história da psiquiatria. Talvez esses grupos tenham motivado Lacan a propor, mais tarde, o que seria o dispositivo do cartel, indicando a possibilidade de outros laços dentro da instituição.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967* Lacan (1967) alude o funcionamento da instituição psicanalítica criticando, a partir do referencial freudiano, o modo de organização de um “executivo em escala internacional” em que se estruturou a International Psychoanalytical Association (I.P.A.). Diz:

A natureza dessas sociedades, e o modo com base no qual elas aquiescem, são esclarecidos pela promoção da Igreja e do Exército, por Freud, a modelos do que ele concebe como a estrutura do grupo. O efeito induzido pela estrutura assim privilegiada também se esclarece ao se lhe acrescentar a função, na Igreja e no Exército, do sujeito suposto saber. Estudo para quem quiser empreendê-lo: iria longe. E continua: Ao nos atermos ao modelo freudiano, aparece de maneira flagrante o favorecimento que dele recebem as identificações imaginárias, e, ao mesmo tempo, a razão que submete a psicanálise em intenção, a limitar a ela sua consideração, ou até o seu alcance. (LACAN, 1967, p. 262).

Para situar o contexto em que surge a proposta do cartel, devemos sinalizar que Lacan se preocupava com o modo de associação praticado nas instituições de psicanálise, denunciando sua semelhança com o Exército e a Igreja, instituições que Freud elegeu

para pensar o funcionamento dos grupos, apontando para o favorecimento das identificações imaginárias – “exaltação do líder, manutenção de privilégios”.

De fato observamos que após Freud, a instituição psicanalítica passou a se organizar de forma burocrática, com regras e padrões rígidos. Lacan também chamava a atenção para o modo de acesso ao saber proposto aos candidatos à formação psicanalítica, em que predominava a idéia de um currículo, atrelado a um programa de ensino. (JORGE, 2006)

É então nesse contexto que Lacan (1964) na *Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris* propõe os cartéis - para se trabalhar em pequenos grupos - com uma lógica diferente daquela que orienta a massa, os grandes grupos. Criticando a forma como a psicanálise estava sendo institucionalizada, Lacan busca criar outras condições necessárias à sustentação da experiência psicanalítica. O ponto que me parece fundamental nesse movimento é que ele propõe uma Escola atravessada pela experiência do inconsciente (o cartel, o passe), estabelecendo um corte, uma abertura, no que vinha sendo instituído.

Verificamos algumas diferenças que norteiam essas duas lógicas de funcionamento institucional (a dos grandes grupos e a do cartel). A lógica dos grandes grupos tem como referência o Ideal (o líder), colocado na posição de exceção. A identificação com o ideal se dá no sentido vertical, com os componentes do grupo se identificando uns com os outros. Como aponta Freud (1976), em *Psicologia de grupo e a análise do ego*, no sentido horizontal cria-se uma ilusão narcísica, do coletivo como igualdade. Com o cartel, Lacan propõe os elementos de um outro funcionamento, assinalando que a falta deve ser considerada. Veremos posteriormente como esta tem, no dispositivo do cartel, uma função operatória.

Uma primeira questão a ser levada em conta é que todo grupo tem um ponto de identificação. Encontramos uma referência sobre o tema no *Seminário XXII: RSI* - lição de 15 de abril de 1975 (Cf. LACAN, 1975) quando Lacan fala das *Jornadas de Cartéis*, que se realizaram na mesma época em que desenvolvia esse seminário. Ele diz: “Um cartel, por que? Foi a questão que coloquei e a qual por milagres, obtive respostas.” Segue:

Em Freud a identificação é simplesmente genial. O que é que desejo? A identificação com o grupo. Pois é claro que os seres humanos se identificam com um grupo. Quando não se identificam com um grupo, estão mal, devem ser trancafiados. Não estou dizendo aí com que ponto do grupo devem se identificar. O ponto de partida para qualquer nó se constitui, já disse, na não relação sexual como buraco (LACAN, 1975, p. 64).

Devemos verificar que ponto é esse que Lacan aponta na constituição do cartel. O impossível? O que escapa ao saber?

A proposição que ele faz do “mais-um” nos fornece uma pista nessa direção. Durante as *Jornadas de Cartéis*, esse tema é particularmente elaborado. Nessa ocasião, Lacan esclarece a etimologia da palavra cartel, originária do latim “cardo”, “dobradiça”, mas que também faz alusão ao número quatro.

Na sua primeira formalização sobre o cartel, Lacan (1964) não se refere ao “mais-um”, e sim a **mais uma** pessoa, que será encarregada da seleção, da discussão e do destino reservado ao trabalho de cada um. Isso, assim colocado, parece designar uma função quase que burocrática de organização, direção, coordenação de um grupo.

Nas *Jornadas dos cartéis* Lacan (1975) interroga os presentes sobre o funcionamento do cartel, do “mais-um” e o que isso significava em função do seu ensino. Surgem aí múltiplas definições do que seria um “mais-um”. Às vezes, é entendido como função ternária, função simbólica. Falava-se que também poderia ser um supervisor, uma ausência, a clínica. A interpretação que foi dada à formulação de Lacan, é de que o mais-um deve ser qualquer um, uma pessoa, não uma ausência, mas uma presença. O que nos chama a atenção, ao lermos os comentários dessas jornadas, é que Lacan (1974) está particularmente interessado nas ideias de Daniel Sibony, matemático/psicanalista que articula o mais-um com a lógica borromeana ( $x+1$ ). Lacan ressalta o fato de que a estrutura numérica do cartel tem razões teóricas muito importantes e que estão em estreita relação com a articulação do nó borromeano, que ele desenvolvia, como vimos, naquele mesmo ano, no seu seminário RSI.

Lacan trabalha então a formação do cartel a partir do nó borromeano com três elos interdependentes, mas que se entrelaçam de tal modo que o nó se desfaz com o corte de um dos elos. Poderíamos então pensar que, partindo da noção do nó, é possível construir uma cadeia borromeana, mais ou menos complexa, com um número de elos superior a três. Esse conjunto será borromeano com a condição de que ele apresente as mesmas características, ou seja, que o corte de qualquer um dos elos tenha por efeito liberar todos os outros. Para a constituição da cadeia borromeana três é o número mínimo.

Entretanto, o enodamento borromeano, para além da questão do três, põe também em evidência a função do mais-um. Ressalta-se aí que o signo “mais”, colocado nessa função, não é o mesmo que aquele da operação de adição (LACAN, 1974). Nesse caso o produto de “quatro mais um” não faz um grupo de cinco, mas um conjunto de quatro mais um. Dessa forma a propriedade associativa se reduz a zero, já que o um não se adiciona. O “mais” apareceria como um significante que denota separação. Sendo assim, a fórmula “quatro mais um” deve ser lida como quatro separados por um. Submetido à lógica do não-todo, o mais-um é uma função que visa descompletar o todo, desfazer o chamado “efeito de grupo”. Concluimos então que o conceito deve ser apreendido mais como uma função do que como um cargo.

Lacan (1980a, p. 51) sublinha que, primeiro quatro se escolhe em torno de um tema, ou melhor, de uma questão, sendo este o ponto de partida para o início. Em seguida deverão se articular em torno de um mais-um, com o objetivo de “velar pelos efeitos internos do empreendimento e provocar a elaboração”. Essa escolha parece passar, inicialmente, pela identificação com o tema que estão trabalhando, pelo desejo de desvendar questões, o que marca, desde o início, uma posição diferente de se ter um líder, um coordenador. Sendo assim ter um “mais-um” diferencia-se de ter alguém que se supõe deter um saber sobre algo ou de quem se espera um ensinamento.

Do modo como tem sido articulada, essa formulação do “mais-um” não me parece ser de fácil apreensão, pois implica certa armadilha para os que dirigem essa demanda a alguém e para quem a aceita. O “mais-um”, assim convocado poderá responder do lugar do “ensinante” e os que formulam esse pedido correm o risco de se alojar na passividade de quem espera um saber constituído, o que seria paralisante para a produção que se busca obter. No sentido de evitar distorções dessa natureza, tem sido discutido, em alguns agrupamentos psicanalíticos, se esse “mais-um” deveria ser encarnado por alguém designado, convocado assim a assumir “um lugar”. A. Souza (1994, p. 4), ao questionar o que pode ser “uma pessoa” dentro do discurso psicanalítico, lembra o comentário de Lacan (1975) nas *Jornadas de Cartéis* ao mencionar que “quando os matemáticos se encontram, há este “mais uma” incontestavelmente [...] eles falam da matemática como sendo uma pessoa”. Nessa perspectiva, A. Souza (1994, p. 4) propõe

romper com os hábitos costumeiros e estéticos do pensamento para retomar o *mais uma pessoa* ou o *mais-um* como uma função, dentro de

um estatuto lógico matemático e dificilmente como alguém em carne e osso.

Aponta-se ainda a inadequação de uma escritura onde esse mais-um é destacado do grupo, colocado em relevo. A única escrita possível seria a do “mais-um” como falta.

Na realidade desse “mais-um” sabemos mais do que ele não deve ser: não deve ser líder, coordenador, cacique, ensinante. Ou seja, não se sabe o que ele realmente significa, senão que a função mais-um está colocada na perspectiva do que descompleta, do que faz enigma, e essa função está diretamente ligada ao funcionamento e a vida do cartel, que culminará com o último ponto da formulação de 1980, aquele da “colocação a céu aberto dos resultados, assim como das crises de trabalho” (LACAN, 1980a, p. 51).

Passamos então ao momento de concluir, quando após um ano ou, no máximo, dois anos de trabalho do cartel, se opera então um corte, com a conseqüente dissolução do grupo. Com isso ocorrerá a permutação dos integrantes, impedindo-se mais uma vez o efeito de cola. Como Lacan mesmo provoca, “antes que fiquem grudados irremediavelmente [...]”. (LACAN, 1980b, p. 54)

O dispositivo do cartel nos convoca também a pensar o lugar da transmissão na instituição psicanalítica. O que se transmite da psicanálise, sabemos desde Freud, é o que a clínica nos ensina. Foi daí que ele partiu, inventando a sua própria clínica e retirando dela suas lições. Como fazer para que isso que se processa na prática psicanalítica seja transmissível e como sustentá-lo dentro da instituição?

É nessa perspectiva que Lacan introduz o cartel, com suas regras de funcionamento próprio, operando a noção de “transferência de trabalho” e circulação do desejo. Na *Ata de Fundação da Escola Freudiana de Paris*, Lacan (1964, p. 23) assinala:

O ensino da psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito a outro através de uma transferência de trabalho. Os ‘seminários’ e inclusive nosso curso na Hautes Études, nada fundarão caso não reenviem a essa transferência. Nenhum aparato doutrinal, especialmente o nosso, tão propício quanto possa ser à direção do trabalho, pode prejudicar as conclusões que serão seu resto.

Jimenez (1995) lembra a operação de destituição do saber do Outro que ocorre na análise, como o esgotamento do trabalho de transferência, que faz surgir a transferência de trabalho na instituição. Esta se funda no desejo de saber que, por sua vez, é diferente do amor ao saber, já que esse último tenta obturar o furo no saber, tenta apagar a falta

no Outro. O desejo de saber é advertido sobre a falta no Outro, fazendo com que se opere a produção de um saber-fazer com a falta. Cada um tem sua forma particular de lidar com a falta, de contornar o vazio. Estamos cientes de que esse contorno evidencia também a impossibilidade, o resto indizível.

Poderíamos pensar no cartel como um dispositivo privilegiado de transmissão da psicanálise na instituição, já que seu funcionamento está centrado na lógica do não todo, da falta? Cada um no cartel é portador de questões, deslizando até alguma possibilidade de sentido. O cartel parece ser um lugar onde se coloca, para cada um, a articulação da sua própria análise, ou melhor, do que resta da sua análise enquanto impossível de ser dito, também do rigor teórico do texto lido e repetido a cada encontro e da prática clínica singular de cada participante.

Na medida em que a instituição se organiza em dispositivos que levam em conta o não todo do saber, ela também leva em conta aquilo que é da ordem do real. Na análise, nos atemos com o inconsciente e o vazio em que se funda, mas para além da análise, para que esse saber não-todo se mova sob a forma de um trabalho contínuo, é que surge a proposição dos carteis. A ideia de Lacan é que os praticantes da psicanálise, ao se agruparem e se desfazerem continuamente em carteis, manteriam aberta esse fenda do saber que não se sabe, já que esse saber não está listado, preparado, e não se trata de descobri-lo, mas de reinventá-lo sempre.

Um outro ponto a ser considerado na formulação do dispositivo do cartel diz respeito “à colocação a céu aberto dos resultados e das crises de trabalho”. Trata-se da tarefa do cartel de passar do âmbito do privado para o público. Começamos pelas crises. Vemos que se o cartel abre mão do “ensinante” é para apontar que o fracasso também ensina. Quando convoca para que se fale das crises, daquilo que não funciona, é para dizer que, é a partir dos impasses que podemos avançar, podemos sair do impedimento para o questionamento. Sabemos da difícil tarefa de trazer essas experiências “a céu aberto”.

Lacan (1980a, p. 51) propõe, como efeito do cartel, o surgimento do “produto de cada um e não coletivo”. Nas *Jornadas de Cartéis* esse tema também é colocado em cena: necessidade de escrever, formulação escrita, produção escrita. Podemos pensar que esse produto seria um escrito. Empreitada árdua para produzir o singular. De qualquer forma,

sabemos que a produção escrita é algo que se descola daquele que produz, e como resto deixa sempre a insatisfação.

No texto de abertura dos *Escritos*, Lacan (1966, p. 9-10) alude à relação do homem com a letra para falar do estilo, enunciando que “o estilo é o objeto”. Todo texto produzido tem assim algo que lhe atravessa e que é próprio daquele que o produz. Algo que se lê nas “entre-linhas” do produzido e que tem a marca de cada um. Se o estilo é o objeto, ele será sempre perdido, falho, restando a incessante busca de escrever algo. O estilo seria então a maneira como cada um busca lidar com sua própria falta. Apreendemos que, no cartel, o que está em questão é a falta de cada um e que isso circula em torno do trabalho. É esse o ponto que Lacan (1975) assinalava como sendo aquele que pode ser compartilhado nesse dispositivo e ao mesmo tempo aquilo que o move. “Que cada um ponha aí algo de seu [...]” dizia.

O cartel se constitui num dispositivo de formação permanente do psicanalista na instituição, apontando para a possibilidade de sustentá-la como espaço de transmissão. Vivemos um tempo em que constatamos o percurso de muitos analistas em direção à universidade, voltando-se para um modo de apreensão do saber através da especialização e de outros grados, o que pode certamente ter relevância para aqueles que se colocam como ensinantes da teoria psicanalítica. Verificamos também que muitas instituições psicanalíticas têm se organizado sob um modo de funcionamento muito próximo da universidade, com cursos estruturados nos moldes acadêmicos. Perguntamos-nos: seriam essas as saídas contemporâneas da psicanálise, com o inexorável vislumbre da “profissão” de psicanalista, regulamentada, sacralizada?

O analista deve dar conta do seu saber em um lugar de comunicação, de compartilhamento, “a céu aberto”. Às vezes, porém, a instituição corre o risco de se solidificar em zonas de conforto e com isso perder o seu fundamento, o seu lugar de produção de um saber não acabado.

O cartel, como espaço institucional de formação permanente, leva em conta que o analista deve se confrontar com o saber-fazer da sua prática, já que a prática não cessa de fundar a teoria, ao tempo em que, busca criar um laço institucional novo entre os seus pares. A indicação de um tempo limitado de funcionamento, a reconstrução de outros cartéis com a conseqüente permuta entre seus membros, aliado à possibilidade de que pode ser constituído por analistas de diversas instituições, ou mesmo fora delas, não

é sem conseqüências. O que se espera é que o discurso institucional circule e que a instituição seja mais viva, produtiva.

O cartel como verdadeira “dobradiça” parece reunir as condições próprias da passagem da psicanálise em intenção para a psicanálise em extensão. Certamente não deve ser a única, a instituição deve comportar outros espaços de circulação do saber.

Não se ouve muito falar sobre as experiências com cartéis, suas dificuldades, seus impasses. As publicações sobre o tema são raras. Não me parece simples sustentar um dispositivo dessa natureza; acho mesmo que é um desafio a ser experimentado. As instituições psicanalíticas não podem escapar a esse questionamento. Além do risco para alguns analistas de ficarem “irremediavelmente grudados” em certas instituições, como nos advertia Lacan, se coloca também o risco de não poderem se sustentar em sua posição de analista ao escolherem ficar “irremediavelmente sós”.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18. Original de 1921.

JIMENEZ, Stella (Org.). O Cartel: conceito e funcionamento na Escola de Lacan. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

JORGE, Marco Antônio C. Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

LACAN, Jacques. Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris. *Documentos para uma Escola*, Rio de Janeiro: Letra Freudiana, v. 1, p. 17-18, 1964.

\_\_\_\_\_. D’Écolage. *Documentos para uma Escola*, Rio de Janeiro: Letra Freudiana, v. 1, 1980a.

\_\_\_\_\_. A função dos Cartéis. *Documentos para uma Escola*, Rio de Janeiro: Letra Freudiana, v. 1, p. 98, 1975.

\_\_\_\_\_. Ouverture de ce recueil - In: \_\_\_\_\_. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

\_\_\_\_\_. Proposição de 9 de outubro de 1967. *Documentos para uma Escola*, Rio de Janeiro: Letra Freudiana, v. 1, 1967.

\_\_\_\_\_. A psiquiatria inglesa e a guerra. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Original de 1947.

\_\_\_\_\_. *Seminário XXII: RSI*. 1974. Aula do dia 19 de novembro.

\_\_\_\_\_. Senhor A. *Documentos para uma Escola*, Rio de Janeiro: Letra Freudiana, v. 1, 1980b.

SOUZA, Aurélio. Escritura. *Revista Topos* Salvador: Espaço Möebius, v. 1, p. 4, 1994.